



Instituto
Nebulosa
Marginal

Curso: Teoria das Relações Objetais

Docente: Andreone T. Medrado

Datas das aulas: 09, 16, 23 e 30 de abril de 2026

Horário das aulas: quintas-feiras, das 19h às 21h

Carga Horária total: 8 horas

Ementa: Este minicurso propõe uma investigação sobre o colonialismo como uma economia psíquica coletiva, analisando como o poder colonialista não se organiza apenas por meio de instituições políticas e econômicas materiais, mas também através da produção de fantasias, delírios, desejos, medos e formas institucionalizadas de sofrimento psíquico. Partindo do diálogo entre a psicanálise e a crítica anticolonialista, o curso articula contribuições de Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez, Sigmund Freud e Jacques Lacan, propondo um deslocamento metodológico: conceitos tradicionalmente utilizados para compreender estruturas clínicas individuais – como fetichismo, paranoia, neurose e psicose – são mobilizados como ferramentas analíticas para interpretar o funcionamento social do colonialismo. A partir dessa perspectiva, serão discutidas formulações como fetichismo colonialista, paranoia branca, neurose colonialista e psicose colonialista, entendidas não como diagnósticos de sujeitos individuais, mas como formas institucionais de organização do desejo, da norma e da realidade dentro do mundo colonialista. Ao final do percurso, o minicurso propõe uma hipótese teórica radical: o colonialismo pode ser compreendido como uma instituição histórica e discursiva que, em sua materialização política e social, produz interdições e patologias no campo simbólico moderno, cuja estabilidade depende da contenção e regulação do desejo, bem como da fetichização e produção de delírios que sustentam a universalidade do humano.

Programa de Curso:

Aula 1

09 de abril de 2026

Psicanálise e Colonialismo: deslocamentos conceituais

Neste primeiro encontro será apresentada a base conceitual do curso, discutindo como categorias da psicanálise podem ser deslocadas da clínica individual para a análise de formações sociais. A aula introduz a hipótese de que conceitos clínicos podem ser mobilizados para compreender dinâmicas institucionais do colonialismo, inaugurando a ideia de uma economia psíquica no colonialismo.

Aula 2

16 de abril de 2026

Fetichismo Colonialista e Paranoia Branca

Este encontro examina como o colonialismo organiza o desejo e o medo através de dispositivos psíquicos específicos. A partir da teoria do fetichismo colonialista e da formulação da paranoia branca, será discutido como o corpo racializado se torna simultaneamente objeto de erotização e ameaça imaginada. A aula analisará como essas operações psíquicas sustentam hierarquias raciais e regulam o campo do desejo, produzindo fantasias que atravessam instituições, relações sociais e regimes de reconhecimento.

Aula 3

23 de abril de 2026

Neurose colonialista e tecnologiaS de subjetivação

O terceiro encontro explora o conceito de neurose colonialista, entendido como uma tecnologia de subjetivação produzida pelo colonialismo. A partir das contribuições de Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza e Frantz Fanon, será discutido como a branquitude se constitui como ideal de identificação e reconhecimento, gerando processos de assimilação, repressão de referências culturais próprias e conflitos entre desejo e norma colonialista. Ao expandir nessas análises para outras dimensões, como gênero e sexualidades, a aula analisa como essas dinâmicas produzem sujeitos que tentam [e/ou são impelidos a] se ajustar às exigências simbólicas da ordem colonialista.

Aula 4

30 de abril de 2026

Psicose colonialista e a patologização do simbólico moderno

No encontro final, o curso aprofunda a hipótese mais radical da proposta teórica: a ideia de que o colonialismo não apenas produz patologias individuais, mas pode ser compreendido como uma instituição histórica e discursiva que, em sua materialização política e social, produz interdições e patologias no campo simbólico moderno. A economia psíquica colonialista emerge, portanto, não como essência do colonialismo,

mas como efeito de suas operações institucionais, raciais e sexuais. A partir do conceito de psicose colonialista, serão abordadas brevemente as formulações clássicas de neurose e psicose em Freud e Lacan, bem como a releitura realizada por Neusa Santos Souza em seus estudos sobre subjetividade negra (seu livro “Psicose”). Será discutido como a modernidade europeia institui uma universalidade que simultaneamente afirma a igualdade humana e sustenta a escravidão, o genocídio e a racialização. Essa contradição produz uma ruptura no campo simbólico, estabilizada por delírios colonialistas e mecanismos de [de]negação histórica.

Síntese do Percurso

Ao longo dos quatro encontros, o curso apresenta o colonialismo como uma economia psíquica coletiva, estruturada por operações como:

- fetichismo colonialista
- paranoia branca
- neurose colonialista
- psicose colonialista

Essas operações revelam que o colonialismo não organiza apenas territórios e economias, mas também fantasias, delírios, desejos, medos e regimes de reconhecimento, produzindo uma ordem social sustentada por conflitos psíquicos institucionalizados.